



ZOOM //

FRENTE-A-FRENTE. A HOMEOPATIA CURA OU É FANTASIA?

Tem mais de 200 anos de história, mas continua a dividir a comunidade científica. Saiba como surgiu e como funciona, conheça os casos de quem trocou as práticas tradicionais pela homeopatia e ainda os médicos que se converteram à terapia não convencional mais popular em Portugal. Se ainda assim ficar com dúvidas, termine este dossiê com um frente-a-frente entre um céptico e um crente e decida de que lado vai ficar

TEXTOS *Marta F. Reis*
FOTOGRAFIA *Manuel Vicente*



1
PULSATILLA
NIG

TILLA,

3
SATILLA
NIG

5
Pulsatilla
Nig.

luba



Portugueses recorrem cada vez mais à homeopatia

O assunto é controverso, mas isso pouco importa para quem se dá bem com os tratamentos. Dados da consultora IMS-Health fornecidos ao *i* revelam que as vendas aumentaram mais de 60% desde 2010 e não foram abaladas pela crise. Os cépticos até admitem alguma eficácia, mas só se a explicação for psicológica

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

É o mais recente ataque à homeopatia: os médicos australianos apelaram esta semana a um boicote à venda de produtos homeopáticos nas farmácias, depois de a autoridade nacional de saúde ter concluído que os medicamentos ultradiluídos usados há séculos não são mais eficazes que um placebo, ou seja, fazem o mesmo que água com açúcar se se estiver convicto de que isso funciona. Parece uma investida inequívoca, mas o assunto está longe de estar resolvido. Há três anos, na Suíça, um relatório da agência federal de Saúde Pública concluiu precisamente o contrário, o que levou o

governo a aprovar a inclusão da homeopatia no sistema de saúde. Outros países como Alemanha e França também compartilham os tratamentos.

Mais de 200 anos depois de o médico alemão Samuel Hahneman ter proposto a homeopatia, há um facto incontornável: o assunto é controverso, mas para quem utiliza e consegue resolver os seus problemas de forma satisfatória, isso pouco importa. Se o preço é muitas vezes um motivo de queixa, nem a crise abalou a procura. Dados fornecidos ao *i* pela consultora IMS-Health revelam que a venda de preparados homeopáticos aumentou 60% desde 2010, um negócio que não perfaz, contudo, meio milhão de euros por ano e consistiu em 2014 na dispensa de 80 mil embalagens. Já dados do Infarmed apontam para um mercado muito maior, com a venda de 347 mil embalagens em 2014.

PLACEBO OU EFEITO REAL? Apesar de os números serem dispare, percebe-se que num país com dez milhões de habitantes os utilizadores serão uma minoria. Serão os resultados fruto de mecanismos psicológicos ou de propriedades das substâncias tomadas? Os defensores da homeopatia não têm dúvidas: cada vez há mais estudos que recorrem a técnicas avançadas da investigação científica para solidificar explicações como a "memória da água", que assenta na ideia de que agitando uma substância em quan-

tidades mínimas, muitas vezes surgem estruturas novas nas moléculas da água que têm um efeito no organismo. Os cépticos questionam a validade dos estudos que atribuem eficácia à homeopatia, que acusam de não mostrar superioridade face ao tal efeito placebo. E apesar de alguns médicos se terem convertido à homeopatia, em Portugal continuam a ser grandes as resistências na classe.

Desde 2003 existe em Portugal uma associação de médicos que utilizam também a homeopatia, a Associação Médica Portuguesa de Homeopatia. Contestam o exercício da homeopatia por terapêutas que não tenham o curso de Medicina e em 2013 pediram à Ordem dos Médicos a criação de uma competência de homeopata, como existe noutros países como Áustria ou Alemanha. Ainda não tiveram resposta, mas José Manuel Silva, bastonário da Ordem dos Médicos, adiantou ao *i* que o conselho directivo já se debruçou sobre a matéria e o parecer é negativo. "Consideramos que não há fundamentação científica que o justifique. Mais de 200 anos depois continua a haver uma profunda controvérsia, o que significa que as bases não são consistentes e não podemos ter duas moedas, uma para os medicamentos convencionais, que só são aprovados se fizerem mais que o placebo, e outra para os homeopáticos", diz o bastonário, que pessoalmente diz ter muitas dúvidas sobre teo-

HOMEOPATIA EM PORTUGAL

Hoje nenhum hospital público tem consultas de homeopatia, mas nem sempre foi assim. Em 1853, o Hospital de Coimbra inaugurou a primeira enfermaria homeopática do país e em 1866 foi criada uma enfermaria com 20 camas no Hospital de Santo António, no Porto. No início, a homeopatia chegou mesmo a ser bastante acarinhada pela academia portuguesa. O pai desta terapia, Samuel Hahneman, foi mesmo considerado sócio honorário da Academia de Medicina de Lisboa.

Bastonário dos médicos diz que há uma lição a tirar do fenómeno homeopático: a medicina clássica desaproveita o poder da mente

GETTY IMAGES

rias como a da "memória da água".

Quando ao pedido de que apenas médicos pudessem exercer a homeopatia, a ordem até está de acordo se for encarada como uma estratégia psicológica com vista ao bem-estar, mas aqui o desfecho foi noutra direcção. Em 2013 foi publicado um diploma que vai regulamentar as terapêuticas não convencionais e aguardam-se portarias específicas por área. Não será exigido o título de médico para exercer nenhuma das terapias alternativas, mas sim um curso equivalente a licenciatura na área pretendida. Actualmente, a Associação Portuguesa de Homeopatia, a mais antiga do país, conta com mais de 140 profissionais credenciados que continuarão a poder exercer mesmo sem curso de Medicina. Todos terão de ter uma célula profissional e estarão obrigados a ter registos clínicos como os médicos, podendo ser responsabilizados por erros.

MENTALIDADES José Manuel Silva considera a mudança positiva e acredita que isso levará também a uma mudança de mentalidade dos doentes. "Hoje não exigem da homeopatia a mesma eficácia que da medicina clássica e não se queixam quando corre mal, também por vergonha", diz. Também António Pimenta Marinho, médico de família em Braga, diz que já viu doentes adiarem tratamentos importantes por irem primeiro à

homeopatia. "Por vezes, o desespero é tão grande que tira alguma lucidez. Não o fazem por mal, mas o resultado não é bom", diz. O médico diz que são poucos os utilizadores, mas há cada vez mais a ideia de que os produtos naturais "nunca fazem mal e fazem bem a tudo", o que está errado.

Procurar informação e ter abertura para falar com os médicos caso se esteja a usar homeopatia é o conselho dos especialistas, até porque pode haver interações entre medicamentos. José Manuel Silva admite, ainda assim, que há uma lição a tirar da abordagem homeopática: "Uma das pechas da medicina clássica é ser excessivamente científica e não usar o recurso à fé das pessoas", diz, sublinhando que para isso há fundamento científico. "A parte psíquica é muito importante em qualquer tratamento e não tenho dúvidas de que se alguém procura a homeopatia por acreditar que vai vencer, se sinta melhor e até prolongue a sua vida. Há estudos que mostram que a mortalidade dos judeus é menor no sabbath e na Páscoa, porque querem viver estas épocas." Também Gabriela Sousa, presidente da Sociedade Portuguesa de Oncologia, diz não se opor a que os doentes usem homeopatia, desde que informem e a encarem como um complemento aos tratamentos, e nunca como cura milagrosa. "É uma estratégia para andarem emocionalmente mais fortalecidos, e isso não podemos ignorar."

O que diz o "Organon da Medicina", a bíblia da homeopatia escrita por Hahnemann (1810)

A MISSÃO DO MÉDICO

"A única e elevada missão do médico é a de restabelecer a saúde dos doentes, ou seja, curá-los das suas doenças." "O supremo ideal de cura prende-se com o restabelecimento da saúde de forma rápida, suave e permanente, removendo e aniquilando a doença na sua totalidade, pelo atalho mais curto, conveniente e menos nocivo."

O DIAGNÓSTICO

"Para obter uma cura definitiva, o médico tem de compreender claramente o que há para curar nas inúmeras patologias que se lhe apresentam - conhecimento da enfermidade; O poder curativo dos medicamentos - conhecimento do poder medicinal; Escolher o medicamento mais apropriado ao caso - selecção do remédio; A preparação do medicamento e a escolha da dose - dose apropriada; Período em que a dose deve ser repetida; e os obstáculos ou barreiras existentes nos casos clínicos, e o método seguro para a sua remoção."

O DOENTE COMO UM TODO

"Nas investigações realizadas com o objectivo primordial de atingir a cura, deverá tomar-se nomeadamente em conta: a constituição física do doente - muito em especial quando a enfermidade é crónica; o seu carácter e personalidade; a sua ocupação; modo de vida; hábitos; idade; actividade sexual. (...) O médico deverá constatar com precisão todas as alterações na saúde do paciente, quer ao nível físico quer mental. Estas podem ser percebidas pelo enfermo, observadas por todos aqueles que com ele convivem e pelo próprio médico durante a fase do interrogatório. O conjunto de sinais e sintomas assim obtidos retratam a doença na sua integridade."

A DOENÇA

"Se os sintomas da doença forem removidos, reposto o equilíbrio da força vital, o paciente verá restabelecido o estado de saúde. Quando somos acometidos por uma qualquer enfermidade, é a força vital que é afectada e alterada em primeiro lugar pelo agente hostil. Não releva para o médico o mecanismo intrínseco da força vital produtor da doença, mas antes os seus sintomas."

O MÉTODO HOMEOPÁTICO

"O método homeopático implica que busquemos nas matérias médicas - com o auxílio dos repertórios - o medicamento capaz de produzir uma doença artificial igual - similitude perfeita - ou o mais aproximada possível - similitude imperfeita - à enfermidade natural objecto de estudo e avaliação."

PODER CURATIVO

"O poder curativo dos medicamentos resulta directamente do facto de os sintomas por si provocados em sede de experimentação serem muito semelhantes aos da enfermidade, mas possuírem uma força superior. Pouco importa quais sejam as explicações científicas fundamentadoras desta lei natural de cura. A verdade é que ela opera. A experiência diz-nos que pequenas doses de substâncias medicamentosas homeopáticas, desde que seja constatada a similitude sintomática, exterminam com sucesso a doença natural."

PRESCRIÇÃO INDIVIDUAL

"Os sintomas mentais são de vital importância em tal operação. *Aconitum* nunca curará um paciente calmo, tranquilo; *Nux Vomica* não produzirá qualquer resultado positivo em pessoas doces e suaves. *Pulsatilla* não agirá em enfermos felizes e alegres; *Ignatia* não é indicada para doentes que não são perturbados por medos."

Os preços dos tratamentos, que não têm participação, são a principal queixa contra a homeopatia

GETTY IMAGES

Sabia que...

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HOMEOPATIA

A Associação Portuguesa de Homeopatia é a associação mais antiga em Portugal e foi criada em 1984. É a terceira associação mais antiga da Europa e faz parte do Conselho Europeu e Conselho Internacional de Homeopatia Clássica. Até aqui, era a única fonte de credenciação de homeopatas e tem 146 especialistas registados em todo o país.



Mais que milagres, os doentes procuram menos dor

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

No dia 23 de Maio, Paulo Varela Gomes fez uma festa em casa para celebrar três anos de vida sem "sofrimento excessivo", conta. Foram uma vitória para quem, na Primavera de 2012, viu de repente os dias contados, quando acordou com um inchaço do tamanho de uma amêndoa no pescoço. Seguiram-se exames e um diagnóstico dramático: um tumor na cadeia linfática cervical posterior e metástases no pulmão, um cancro que já não era operável. Os médicos deram-lhe quatro meses de vida mas Paulo recusou os tratamentos, que os oncologistas disseram que poderiam prolongar a sua vida apenas um par de meses mas possivelmente o deixariam sem maxilares e com um cateter permanente na garganta.

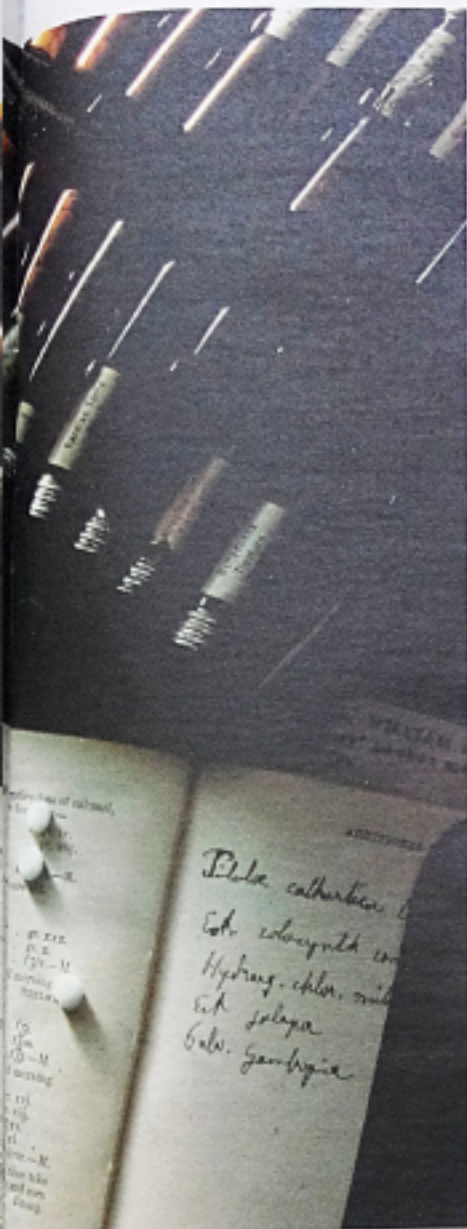
Paulo não quis esse desfecho para si e procurou outros caminhos, também por já ter visto morrer muitos amigos com cancro depois de tratamentos dolorosos, que acredita que muitas vezes destroem as defesas do organismo e podem acelerar a progressão da doença. A homeopatia surgiu logo como uma hipótese, explica o professor universitário. Tinha alguns livros em casa sobre tratamentos alternativos e admite que sempre foi um pouco partidário da teoria da conspiração de que a indústria farmacêutica alimen-

ta o cancro e outras doenças. Como muitos livros eram assinados por médicos, pessoas "responsáveis", admite que essa curiosidade académica o fez sempre desconfiar dos dogmas universitários.

Nos últimos tempos a saúde piorou e o homeopata, que nunca lhe prometeu milagres, disse-lhe que pouco podiam continuar a fazer por ele. Está agora a tomar medicamentos que compra no estrangeiro, na expectativa de que retardem como aconteceu até aqui a progressão da doença e lhe dêem mais tempo. Mas três anos depois não se arrepende da decisão que tomou. "Se não foi a homeopatia que produziu este resultado, foi quem ou o quê? Deus ajudou, claro. Mas nenhum médico oncologista interveio", diz Paulo, que publicou recentemente na revista "Granta" um testemunho na primeira pessoa sobre a forma como tem vivido a doença. Chamou-lhe "Morrer é mais difícil do que parece" e acredita que com a medicina convencional, mais agressiva, talvez não pudesse ter feito tudo o que fez desde 2012. Com os resultados que teve, viajou, brincou com os netos, orientou alunos. Publicou quatro livros.

MENOS DOR Uma alternativa com menos dor, de que Paulo não abdicou, é um motivo comum para procurar a homeopatia. Acontece no cancro - para substituir os tratamentos quando o prognóstico é difi-

Paulo recusou os tratamentos no IPO. Ana não aguentava os efeitos secundários dos anti-histamínicos. A homeopatia foi uma solução



“Se não foi a homeopatia que produziu este resultado, foi o quê? Deus ajudou, claro. Mas nenhum médico oncologista interveio nisto”

Paulo Varela Gomes



“É caro mas é o meu luxo. Há 20 anos que raramente tomo medicamentos convencionais. A tomar corticóides como é que ia chegar aos 80?”

Ana Lucas

cil ou para aliviar os tratamentos – mas também em muitas outras doença.

Paulo lamenta que os médicos descreditem estas abordagens e recusem que possa chamar-se médico a um homeopata. Com o aconselhamento do seu, mudou a sua vida. Adoptou uma alimentação quase macrobiótica, sem açúcar e fritos, e passou a tomar suplementos e medicamentos homeopáticos com o objectivo de reforçar o sistema imunitário e combater melhor a doença, o que acredita ter acontecido.

Ana Campos, também professora e com 69 anos, viveu toda a vida com alergias e depois uma rino-faringite crónica. Também sente que mudou de vida graças à homeopatia. “Por mais que me mudassem os anti-histamínicos, reagia mal, como cansaço, dores de cabeça, até deprimida. Chegava a preferir a rino-faringite àquilo.” Por conselho de uma amiga, há dez anos procurou uma homeopata. “Ainda hesitei porque ouvia dizer que era preciso tomar medicamentos de duas em duas horas.” Hoje admite ser preciso disciplina para as gotas ao acordar e ao deitar, mas nada de especial. E até se esquece que tem aspirinas em casa, pois as dores de cabeça nunca mais voltaram.

Também Teresa Joaquim, de 60 anos, descobriu na homeopatia a solução para a asma e há quase 40 anos combina a medicina convencional com a homeopá-

tica, depois de uma primeira experiência na Bélgica. “Tive uma crise renal e não aguentava a agressividade dos medicamentos”, justifica.

Reconhecem que o debate em torno da homeopatia está polarizado mas rejeitam fanatismos. Agrada-lhes a forma como são avaliados de modo global e se insiste na prevenção, no estilo de vida. Mas também vão a médicos convencionais. O senão são os preços, já que não há comparticipação. Paulo gastou 2 mil euros por mês no tratamento, uma despesa que só tem conseguido suportar porque as irmãs, os tios, os primos e os sobrinhos abriram uma conta para o ajudar. Ana Lucas, de 45 anos, usa homeopatia há 20 anos e considera-a o seu luxo. Enquanto der, vai continuar a usar só homeopáticos para os problemas respiratórios e a fibromialgia. “Com corticóides desde tão nova como é que eu poderia chegar aos 80?”

As explicações científicas não os inquietam. Sentem resultados e basta. Ana Campos sorri: está a tomar gotas que levam arsénico sem medo, já tomou o “veneno” antes e fez-lhe bem. “Não me faz confusão, também não sei como actuam os medicamentos normais. Não creio que seja apenas psicológico porque os resultados são visíveis. Se dizem que a homeopatia é só água e resulta comigo, venha mais água como esta.”

Segredos homeopáticos



SEPIA SUCCUS

A tinta de choco é indicada para alívio dos sintomas da menopausa e outros sintomas hormonais, como acne.

COFFEA CRUDA

A planta do café é das mais usadas em situações de insónia, precisamente por deixar o espírito activo e o corpo agitado em utilizadores saudáveis e em grandes quantidades.



IGNATIA AMARA

É um dos medicamentos usados na ansiedade, mas a indicação segundo a homeopatia vai depender muito da personalidade do utilizador. Usa-se também o Gelsemium.

BARYTA CARBONICA

É o homeopático mais usado nas amigdalites em crianças. Um estudo feito no Brasil em 2007 concluiu que em 20 crianças o tratamento evitou a cirurgia em 14 contra cinco que tomaram um placebo.

THUYA OCCIDENTALIS

É a mais usada no tratamento de quistos e verrugas.



ARNICA MONTANA

Costuma ser usado em hematomas e inflamações. Sem ser em ultradiluições, o óleo de arnica é muitas vezes usado em massagens após o exercício ou para cuidar de peles secas.



DROSEREA

O nome talvez seja familiar: é um género de planta carnívora, e um remédio homeopático para a tosse. A ciência tem estudado as suas propriedades antifúngicas.



ALLIUM CEPA

Em que será usada a cebola? O princípio da similitude é fácil de entender aqui: quando descascamos cebolas, o nariz pinga e os olhos lacrimejam como nas constipações.

SYMPHYTUM

É uma planta medicinal usada há mais de 2 mil anos como auxiliar da cicatrização e consolidação de fracturas. Na homeopatia, é das mais indicadas para problemas dos ossos.

ARSENICUM ALBUM

A fazer algum bem, só mesmo ultradiluído. Em doses normais o arsénio é tóxico. É usado em asma, rinite alérgica, eczemas e problemas gastrointestinais que resultem de intoxicação.

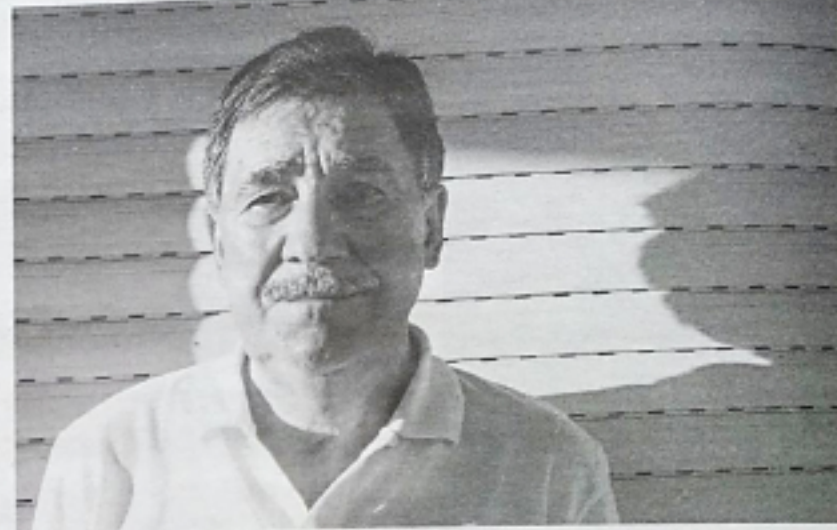
Sabia que...

LIGA MUNDIAL Estão longe de ser a maioria entre os médicos, mas têm uma associação mundial. A Liga Medicorum Homeopathica Internationalis foi criada em 1925 e une médicos também especialistas em homeopatia de 70 países. Em Portugal a associação representante dos médicos é a AMPHSH – Associação Médica Portuguesa de Homeopatia, fundada em 2003 com o nome Sociedade Homeopática de Portugal. Tem 13 médicos registados.

Quando os médicos se convertem



TELMA GONÇALVES PEREIRA.
“MEDICINA HÁ SÓ UMA”



DANIEL MATOS. “FUI
CONVERTIDO QUASE
OBRIGADO”

Querida ser arqueóloga, mas teve de pôr o sonho de lado. Telma Gonçalves Pereira, de 65 anos, cresceu em Moçambique numa altura em que só havia hipótese de tirar cursos científicos. Entrou para Medicina e acabou o curso em Portugal. Em meados da década de 70, ainda não existia o SNS, poria pela primeira vez a vocação à prova: foi destacada para Santa Maria nos Açores, no então chamado serviço obrigatório à periferia. “Foi uma grande experiência. Foi como chegar a um lugar que nunca tinha tido médicos”, lembra.

Passaram mais de 40 anos mas o percurso da médica está longe de ser convencional. Fez a especialidade de anestesiologia nos Hospitais Cívicos de Lisboa, como se chamava antigamente a S. José, Santa Marta ou Curry Cabral. Quis contudo uma carreira mais ligada à investigação, fez um doutoramento em Bioquímica e começou a dar aulas na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova. A homeopatia surge praticamente ao mesmo tempo, ao início por pura curiosidade, explica. Acabaria por permitir-lhe encontrar o seu lugar na medicina. “Na altura havia apenas um pediatra já muito velhinho a fazer homeopatia e desafiaram-me a conhecer um pouco melhor.”

Foi tirar um curso sem preconceitos e ao perceber os resultados decidiu incluir a homeopatia no seu arsenal terapêutico. Acabou por abrir um consultório médico e homeopático na Rua da Prata, em Lisboa,

e hoje é das médicas a exercer nas duas vertentes há mais tempo. Para Telma não há nada de especial nisso. “Trata-se de olhar para o doente como um todo. Não se pode falar de medicina homeopática, medicina há só uma”, resume, defendendo que só os médicos deveriam poder fazer homeopatia, após dominarem o diagnóstico. “Passo exames e receito medicamentos convencionais. Uso a homeopatia ou suplementos quando me parece indicado.”

Sabe que está em minoria entre os colegas, mas diz que é procurada por muitos médicos e outros enviam-lhe doentes. Tal como ela envia doentes a especialistas de outras áreas. Diz que é importante reconhecer os limites, mas ao mesmo tempo não ignorar a eficácia nos casos em que é fácil conseguir bons resultados, como problemas respiratórios ou quistos. “Se tivéssemos curado o cancro já tínhamos ganho o Nobel. Mas aparecem doentes em fases terríveis e procuro ajudá-los a sentirem-se melhor”, diz a médica. Nunca os incentiva a trocar os tratamentos oncológicos, como contraria todos os pais que dizem que não querem dar vacinas aos filhos. “Há muitos medicamentos convencionais que são importantes. Sou médica, não sou pata”, insiste. Irritam-na as críticas dos cépticos, que diz serem fáceis de derrubar nas centenas de fichas de doentes que tem arrumadas no consultório. “Se fosse água e açúcar, estavam todos diabéticos.”

Daniel Matos só acreditou quando viu. Faz quase 30 anos, o médico de família estava no pico da actividade quando começou a ter um problema logístico: uma dor no cóccix que tornava insuportável estar sentado a dar consultas. “Fui ao topo de gama, fizeram-me todos os exames, eu morria de dores e nada.”

Passaram meses até tentar uma última cartada: falar com um médico que fazia acupuntura, na altura já mais reconhecida, para tentar resolver o problema. O colega perguntou-lhe se tinha algum problema psicológico grave. Daniel estava no meio de um divórcio complicado e respondeu que sim. “Quando ele me diz que não era coisa para acupuntura mas para homeopatia não acreditei minimamente. Era muito cartesiano e fui convertido quase obrigado.” Por respeito ao colega, Daniel deu o benefício da dúvida e tomou as gotas. Passada uma semana sem efeito ligou ao médico, que corrigiu o preparado para uma dose centenas de vezes mais diluída e lhe disse que tomasse o frasquinho de uma vez. Mais céptico ainda, anuiu. “Passados quatro ou cinco dias saí de casa com dores, sentei-me e guiei até ao consultório. Quando cheguei as dores tinham desaparecido. Liguei ao médico a dizer que por acaso tinha ficado bem e ele disse-me que tinha milhares de acasos como o meu”.

Daniel começou a estudar medicina alternativas. Quando tinha problemas no consultório que não conseguia solucio-

nar devidamente, encaminhava-os para a homeopatia e começou também a usar em casa. Lembra-se sobretudo de casos respiratórios e problemas de pele. E de uma mãe que ainda hoje lhe agradece ter salvo a vida da filha. “Estava internada na Estefânia com hemorragias, na sequência de uma gripe. Fizemos o tratamento e num fim-de-semana ficou boa.”

Daniel até admite que pode não ser mais que efeito placebo, mas “o que é que não é psicológico, mesmo no efeito dos medicamentos convencionais? A relação entre médico e doente tem um efeito placebo”. Reformou-se do SNS há seis anos, quando fez 63. No centro de saúde nunca explorou a homeopatia. Nem acredita que fosse possível. “É preciso uma longa conversa com o doente para perceber tudo o que se passa na sua vida e isso não é possível no ritmo de trabalho que têm os médicos de família.”

Com mais tempo, tem-se dedicado a estudar a fundo as alternativas que acredita têm lugar como complemento da medicina clássica. A que mais o fascina é o colorpunctura, em que se estimulam os pontos de acupuntura com luzes coloridas, uma técnica proposta nos anos 80 pelo alemão Peter Mandel. Tem o seu estójo de lanternas e usa-o apenas em amigos e familiares que o procuram. “Se algum dia tiver uma queimadura numa mão, experimente apontar uma luz laranja durante quatro minutos”, desafia.

Telma era anestesista e começou a estudar a homeopatia por curiosidade. O seu consultório médico e de homeopatia na Rua da Prata, em Lisboa, tornou-se uma referência. Daniel sempre duvidou até uma dor que nunca mais passava o fazer descobrir as alternativas. David estava no primeiro ano de Medicina quando ficou surpreendido com a cura praticamente do dia para a noite de um dos seus pastores-alemães. Sonha com um mundo onde haja espaço para a medicina "integrativa"

MARTA F. REIS marta.reis@ionline.pt



DAVID NASCIMENTO MOREIRA. "OS CÃES NÃO PENSAM QUE VÃO FICAR BONS"

Foram muitas dores de cabeça com o Stimpi Feedback, lembra David Nascimento Moreira. O jovem estudante de Medicina, que antes tinha passado pela Faculdade de Veterinária, fazia criação de pastores-alemães com o irmão e logo um dos cães que lhes tinha custado 2500 euros estava sempre com eczemas e dava cachorrinhos também com problemas de pele. Depois de um ano e meio a tentar antifúngicos e corticóides decidiu pedir ajuda a um professor de Veterinária que trabalhava com homeopatia. O especialista não viu dificuldades: indicou-lhe *Natrium muriaticum* 30CH, "feito de sal de cozinha", explica David. Decidiu experimentar o frasquinho, que lhe custou quatro euros, sem contar nunca com grandes resultados. "Ao fim de quatro dias a pele deixou de escamar e três semanas depois apareceu pele nova. Não teve mais problemas e as ninhadas saíram normais."

Apesar do êxito, David admite que foi cauteloso. Afinal estava a tirar Medicina e nunca tinha ouvido falar de alguém credível reconhecer eficácia à homeopatia. Aliás, ao longo do curso só ouviria denegri-la. Mas, como obtinha resultado, daí para a frente sempre que os cães tinham problemas ia ao homeopata. "Sempre fui céptico mas andei um ano a fazer experiências e a certa altura era de mais." Chegava a pedir à mãe para umas vezes dar o medicamento e outras apenas água. Para registar os resultados sem se deixar

influenciar. "Só havia melhorias quando tomava o remédio."

David acabou por tirar um curso de homeopatia enquanto fazia o de Medicina e apresentou a tese final na Faculdade de Medicina de Lisboa sobre a investigação científica em homeopatia. Na avaliação, o professor assinalou tratar-se de "um contributo de índole científica numa área pouco estudada na nossa faculdade".

O incentivo fê-lo continuar. Aos 29 anos está a fazer o internato em Saúde Pública na Unidade Local de Saúde do Alto Minho e colabora com a Associação Médica Portuguesa de Homeopatia. Diz que não faltam estudos a demonstrar as propriedades dos medicamentos homeopáticos e a sua eficácia. Quanto a tudo não passar de um efeito psicológico, diz que para si a maior prova são os seus cães, que ao que sabe não tomam remédios a pensar que vão ficar bons. Ainda não tem autonomia para exercer, só no próximo ano, quando passar ao segundo ano de internato.

Sonha com um mundo onde seja possível integrar todos os conhecimentos médicos que podem ajudar os doentes e vê na homeopatia uma arma sobretudo na prevenção e em pediatria, por ser menos agressiva. Defende ser preciso mais investigação e o envolvimento dos médicos e por isso colabora com o laboratório LIMMIT na Faculdade de Medicina de Lisboa, que estuda interações entre mente e matéria na intervenção terapêutica.

Farmácia-museu



Na Rua de Santa Justa n.º 8, há "aguinhas" milagrosas há 108 anos

●●● No início a clientela era toda de elite, mas hoje aparecem todos os bolsos. Ana Cristina Rainha, proprietária da Farmácia Homeopática de Santa Justa – a mais antiga do país –, tem acompanhado nos últimos anos a evolução do interesse pela homeopatia. Ao n.º 8 da Rua de Santa Justa chegam pedidos de todo o país e também do estrangeiro, sinal de que cada vez há mais pessoas satisfeitas com a alternativa terapêutica aos químicos, diz a farmacêutica. No meio do entusiasmo há coisas que a preocupam: há também mais pessoas que se dizem terapeutas mas aparecem sem informação e doentes cujos pedidos levantam dúvidas a quem está do outro lado do balcão, por passarem por substâncias que não costumam ser usadas nos problemas que apresentam ou que não têm tradição de uso, quando na homeopatia um dos segredos passa pela experimentação em pessoas saudáveis descrita nos muitos manuais. Cuidado na escolha do especialista é por isso o conselho da farmacêutica. Na farmácia inaugurada a 11 de Agosto de 1906, faz 108 anos, o aconselhamento é feito seguindo os livros antigos de homeopatia, onde se listam as substâncias e os sintomas a que estão associadas. Uma das referências mais usadas por Ana Cristina Rainha é o "Guia de Medicina Homeopática" de Nilo Cairo da Silva e são muitas as edições antigas na farmácia. O segredo está sempre no tratamento individualizado, diz a farmacêutica, que entrou no negócio pelo casamento e foi aprendendo a dominar a arte. Licenciou-se em Ciências Farmacêuticas e tem formação em homeopatia, além de também a utilizar. O fundador da farmácia, João Duarte Bustorf, era tio-trisavô do seu marido e Ana Cristina Rainha diz que a sogra continua a ser a alma mais entusiasta da casa e quem domina melhor a manipulação de homeopáticos. No primeiro andar, onde inicialmente funcionava a "farmácia das aguinhas" – como era então chamada pelos fregueses –, continuam a fazer-se algumas preparações com tinturas importadas de Inglaterra e há aparelhos e frasquinhos antigos a lembrar o passado da homeopatia. É um museu escondido em plena Baixa de Lisboa.

Tudo o que precisa de saber sobre a arte de curar pelo igual

É este o significado da palavra homeopatia: do grego hómoios + páthos = semelhante + doença. Saiba como surgiu e como funciona esta terapêutica, que garantias oferecem os produtos, quem os supervisiona, o que é exigido por lei a um homeopata ou como funcionam geralmente os tratamentos. Pedimos ajuda a alguns especialistas para responder às principais dúvidas sobre aquela que é uma das terapias não convencionais mais populares em Portugal, rodeada de mitos como não poder tomar os remédios em colheres de metal pois isso anula o efeito. Há, contudo, precauções a ter em conta: se está a tomar outros medicamentos convencionais, da chamada medicina alopática, deve ter cuidado com interacções que podem ser perigosas para a saúde

MARTA F. REIS marta.reis@ionline.pt

Sabia que...

AMIGA DOS ANIMAIS

A homeopatia é cada vez mais usada também pela medicina veterinária, embora também ainda não seja reconhecida oficialmente pela Ordem dos Médicos Veterinários. Samuel Hahnemann foi também precursor da aplicação em animais, mas a primeira obra específica sobre o assunto é da autoria do médico veterinário francês Guillaume Lux, com o título "Homeopathic Veterinarian Physician" (1833).

O QUE É A HOMEOPATIA?

É um sistema de tratamento fundamentado pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1755-1843). Segue quatro princípios: o princípio da similitude, a experimentação farmacológica homeopática nos indivíduos saudáveis, o medicamento único individualizado e o medicamento dinamizado. Defende que é preciso encontrar o estímulo medicamentoso adequado (o *similimum*) para levar a pessoa doente a restabelecer o seu equilíbrio. Quanto mais similar for o estado global de funcionamento do doente com o estado de funcionamento que o medicamento mostrou produzir em experimentadores saudáveis, maior é a probabilidade de haver resultado eficaz. Quanto maior for a ultradiluição, e desde que o doente tenha ainda um bom estado vital, mais rápidos e duradouros são os efeitos terapêuticos.

QUAL A DIFERENÇA PARA OS REMÉDIOS NORMAIS?

Segundo os especialistas, até um medicamento convencional pode ser considerado um medicamento homeopático, se administrado por esse princípio de similitude. Tal como um medicamento ultradiluído pode ser considerado um medicamento alopático (da medicina convencional) se aplicado pelo princípio dos contrários. Mas a principal distinção é o método de fabrico, que se chama dinamização ou potencialização: a diluição e agitação sucessivas das substâncias medicinais, que podem ter origem em minerais, plantas e animais ou produtos biológicos, bactérias, vírus, fungos, e até medicamentos sintéticos convencionais.

COMO SE CONSEGUE ISSO?

Primeiro obtém-se uma tintura-mãe, dissolvendo a matéria-prima que se pretende usar ou fazendo uma maceração, por exemplo no caso de se usar a planta camomila. Esta é a solução de partida e segue-se o processo de dinamização. Na maior parte das vezes usa-se a escala de diluição centesimal. Ou seja, dissolve-se uma parte da tintura-mãe em 99 partes de água ou solução hidroalcoólica, agitando ou sucussionando manualmente

100 vezes seguidas, alcançando-se a dinamização 1CH. O processo repete-se em cadeia, e a partir da 12CH, segundo o chamado número de Avogadro, teoricamente deixa de haver moléculas da substância na ultradiluição. Apesar disso, na prática clínica usa-se com frequência dinamizações como a 12CH, 30CH, 200CH e superiores.

COMO SE SABE O GRAU DE DILUIÇÃO?

Geralmente, à frente do nome da substância há um número que indica quantas vezes foi diluída e um CH ou um DH, de centesimal ou decimal hahnemanniana, que indica o método de diluição usado (centesimal ou decimal). Por exemplo, 5CH significa que o processo de diluição e agitação sucessivas foi repetido cinco vezes na escala centesimal.

O QUE OS DISTINGUE NA FORMA DE ACTUAR?

Os medicamentos convencionais são dose-dependentes: dependem dos efeitos directos das moléculas ao nível de receptores celulares para haver resultado clínico. No entanto, sabe-se que as células ajustam a quantidade de receptores em função do estímulo, podendo surgir sintomas após interrupção abrupta da medicação – o efeito rebound ou secundário. Por exemplo, quando se deixa de tomar café diariamente, a maioria dos consumidores sentem sono e cansaço, efeitos indesejáveis. Na homeopatia, como os medicamentos são usados pelo princípio da similitude, é o efeito rebound (resposta do organismo) que é responsável pelo efeito terapêutico, e não a acção directa do fármaco. Por isso é que Hahnemann propôs a diluição das substâncias, para evitar um agravamento clínico resultante dessa acção directa.

MAS O QUE É A TEORIA



Samuel Hahnemann

DA MEMÓRIA DA ÁGUA?

Sustenta o facto de mesmo

altamente diluídos, os medicamentos homeopáticos continuam a fazer efeito. Foi proposta em 1988 pelo imunologista francês Jacques Benveniste. Apesar da controvérsia, têm sido repetidos estudos, alguns com resultados positivos. Os homeopatas defendem com base nestes estudos que o efeito dos medicamentos pode resultar não de moléculas presentes nas ultradiluições, mas das modificações na estrutura da água impressas pela substância inicial.

É PRECISO TOMAR EM JEJUM, COM COLHERES DE PLÁSTICO EM VEZ DE TALHERES NORMAIS? OS PREPARADOS NÃO PODEM ESTAR PERTO DE MÁQUINAS?



Jacques Benveniste

Os medicamentos homeopáticos podem ser tomados a qualquer hora, mas habitualmente dá-se um intervalo de 15 a 30 minutos antes ou depois de uma refeição. Podem ser ingeridos directamente ou podem ser primeiro diluídos num pouco de água. Apesar do mito, não há diferença no uso auxiliar de talheres. Ainda assim, alguns estudos indicam que aparelhos eléctricos, temperaturas elevadas, exposição solar, exposição a radiação de telemóveis ou aos microondas podem alterar a estrutura tridimensional da água.

EM QUE FORMATO SÃO VENDIDOS?

Em tubos de grânulos, glóbulos ou em frascos em líquido, com conta-gotas. Também existem em pomada e em ampolas.

QUAL É A DIFERENÇA PARA OS PRODUTOS NATURAIS?

Produtos naturais nos quais se incluem os suplementos alimentares e a fitoterapia são fabricados e aplicados de modo muito diferente: basicamente, não são diluídos. Alguns homeopatas combinam a prescrição de medicamentos homeopáticos com produtos

naturais ou mesmo indicações alimentares, já que há uma abundância que tenta ser mais natural. Incluem-se muitas vezes cataplasmas, unções preparadas à base de produtos naturais com efeitos calmantes e anti-inflamatórios.

OS RESULTADOS DA HOMEOPATIA SÃO GARANTIDOS?

Segundo as revisões da Cochrane Collaboration – entidade que através da revisão sistemática e meta-análise produz evidência científica para a utilização de terapêuticas específicas em determinada doença –, não há resultados conclusivos sobre a eficácia da maioria das intervenções nem estudos que permitam dizer que determinado medicamento funciona, por exemplo, na rinite ou na asma. Ainda assim, a Cochrane indica que existe uma pequena evidência em alguns casos.

QUE CASOS?

No tratamento homeopático da síndrome do cólon iritável, na perturbação do défice de atenção e hiperactividade, na profilaxia da dermatite aguda durante a radioterapia, na estomatite induzida pela quimioterapia e no tratamento da gripe sazonal. Não emite um parecer final, mencionando a necessidade de mais ensaios clínicos e de qualidade para se tirarem conclusões definitivas. Os homeopatas e mesmo as agências de medicamentos invocam o facto da homeopatia assentar numa abordagem individualizada em que a mesma doença pode ser tratada de forma diferente, já que o que importa são os sintomas e não a causa, para as dificuldades em realizar os convencionais ensaios clínicos em que se confronta a eficácia de uma terapia contra outras em função da doença.



Pomadas, ampolas e frascos

COMO ASSIM DIFERENTES TRATAMENTOS PARA A MESMA DOENÇA?

Imagine-se uma gripe. O homeopata vai avaliar os sintomas e o estilo de vida da pessoa. Se sentir arrepios, é ansioso e há sintomas gastrointestinais, o remédio mais indicado pode ser o *Arsenicum album*. Se há dores musculares intensas, há o *Eupatorium perfoliatum*. Se por outro lado há cansaço ou dores de cabeça, o mais indicado pode ser o *Gelsemium*.

MAS HÁ ALGUMA REGULAÇÃO OU É TUDO VENDIDO SEM CONTROLO?

Em Portugal, os preparados homeopáticos à venda têm de ser registados no Infarmed, controlo que não existe, por exemplo, nos suplementos alimentares. Estão previstos dois regimes. No caso dos medicamentos de toma oral ou aplicação externa, com um grau de diluição considerado inócuo do ponto de vista tóxico e que não apresentem quaisquer indicações terapêuticas especiais na rotulagem ou em qualquer informação relativa ao medicamento, basta ser feito um registo simplificado do produto.

A PARTIR DE QUE NÍVEL DE DILUIÇÃO É QUE UM PRODUTO É CONSIDERADO INÓCUO PELO INFARMED?

Segundo a legislação portuguesa, não deve conter mais de uma parte por 10 mil de tintura-mãe – ou seja, deve estar na dinamização acima da 2CH – nem mais de 1/100 (1CH) da mais pequena dose eventualmente utilizada em alopatia no caso de substâncias sujeitas a receita médica. Se lhe receitarem um medicamento acima desta diluição, informe-se sobre as condições em que foi avaliado.

QUANTOS MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS ESTÃO REGISTADOS NO INFARMED?

Segundo informação fornecida ao I pela agência do medicamento, há 634 medicamentos simples e 38 que tiveram de demonstrar eficácia. Contudo, atendendo ao facto de ser uma terapêutica individualizada, pode ser usada bibliografia que comprove o uso bem estabelecido.

SE É INÓCUO, COMO PODE FUNCIONAR?

Numa revisão sistemática de

2012 publicada no "International Journal of Clinical Practice", por exemplo, verificou-se que os medicamentos dinamizados também podem produzir efeitos adversos, principalmente decorrentes da sua acção primária directa (sintomas patogénicos), sobretudo quando não usados pelo princípio da similitude e sem acompanhamento, explica o homeopata David Nascimento Moreira. Os mais cépticos atribuem resultados ao efeito placebo, um efeito psicológico e inconsciente que existe também na medicação convencional, já que por vezes nos ensaios clínicos, doentes a quem é dado farinha ou água com açúcar para ver a diferença face ao resultado dos doentes que tomam a nova medicação também melhoram.

É PRECISO TER ALGUM CUIDADO?



Ginkgo biloba

É preciso ter cuidado com as interacções medicamentosas. Preparados que contenham valeriana não devem ser, por exemplo, usados por pessoas com epilepsia. E outros que contenham ginkgo biloba devem ser evitados por doentes que façam anticoagulantes, pois aumentam o risco de hemorragia.

SÓ SE TOMA UM MEDICAMENTO DE CADA VEZ?

Há três abordagens: o unicismo, em que se usa apenas um medicamento de cada vez; o pluralismo, alternando-se mais do que um medicamento, mas não os tomando em conjunto; e o complexismo, em que se misturam vários medicamentos. A abordagem ideal e a mais difícil na prática, pois é necessário que o médico possua excelentes conhecimentos de matéria médica homeopática, é a do unicismo, em que há um tratamento homeopático individualizado, além de um rácio custo-eficácia muito

reduzido, pois o tratamento de uma situação clínica como, por exemplo, um eczema alérgico pode custar apenas cerca de 5 euros. Em qualquer das situações, só existe um resultado clínico bom se estiver presente um medicamento que seja o semelhante, como mostram os estudos.



Preços podem atingir os 45 euros

QUAIS SÃO OS CUSTOS HABITUAIS?

Os preços variam entre os três euros e cerca de 45 euros por embalagem. Os produtos não são comparticipados nem pelo SNS nem por nenhum subsistema, embora no passado já tenham sido reembolsados pela ADGE. Existem actualmente vários planos de seguros de saúde em Portugal que cobrem as despesas com a homeopatia e outras terapêuticas não convencionais.

COMO FUNCIONA LÁ FORA?

Em França, os medicamentos homeopáticos são reembolsados até 30% pela Segurança Social, havendo um tecto de comparticipação de 50 euros/ano. Na Alemanha, os seguros de saúde obrigatórios também têm um plafond anual para produtos das medicinas complementares. Na Suíça, esta alternativa foi incluída no seguro obrigatório de saúde que abrange todos os cidadãos, a par da fitoterapia ou medicina chinesa, e está em estudos até 2017.

É PRECISO TER REGISTO PROFISSIONAL PARA SER HOMEOPATA?

Até aqui, não. Espera-se desde 2013 a regulamentação das terapêuticas não convencionais, um pacote de terapias que inclui a homeopatia. Segundo a legislação, os profissionais vão ter de ter estudos superiores equivalentes a licenciatura para terem cédula profissional. Passarão também a estar obrigados a manter registos clínicos.

FRENTE-A-FRENTE DA HOMEOPATIA. VERDADE COMPROVADA OU UMA ENORME MENTIRA?

Desafiámos um médico homeopata a trocar argumentos com o céptico mais acérrimo que o país conheceu nos últimos tempos. Eis a conversa entre Francisco Patrício, presidente da Associação Médica Portuguesa de Homeopatia, e David Marçal, bioquímico e autor de "Pseudociência"

FRANCISCO
PATRÍCIO



DAVID
MARÇAL



NÃO HÁ DÚVIDAS...

O médico alemão Samuel Hahnemann descobriu que qualquer medicamento tem duas acções: uma acção primária, que corresponde ao que actualmente se conhece como efeito terapêutico, adverso ou colateral dos fármacos, e uma acção secundária ou reacção homeostática do organismo, que é conhecida por efeito rebound.

Na homeopatia é o efeito rebound que é usado como efeito terapêutico, pois existe esta resposta do organismo como um todo e a nível celular a um estímulo terapêutico que é administrado pelo princípio da similitude, recuperando-se a homeostasia. Já na farmacologia convencional, quando os medicamentos são usados pelo princípio dos contrários (de forma enantiopática), o efeito rebound torna-se um efeito adverso e grave.

O estudo do fenómeno do efeito rebound, os estudos da hormesis da toxicologia moderna e a abordagem recente intitulada como farmacologia paradoxal, entre outras, fundamentam cientificamente a homeopatia. O médico e cientista prof. dr. Marcus Zulian Teixeira fundamentou cientificamente o princípio da similitude na designada farmacologia moderna através de investigação sobre o efeito rebound. Da investigação básica salienta-se que os medicamentos dinamizados emitem sinais electromagnéticos específicos, sendo uma linha de investigação do Prémio Nobel da Medicina Jean Luc

Montagnier. Outros estudos mostram que a nanoestrutura da água é diferente da do solvente de partida e que mesmo ultradiluições acima da 12CH (límiar do número de Avogadro) apresentam ainda nanopartículas do soluto inicialmente diluído, detectadas por microscopia electrónica. Estudos segundo a metodologia científica actual (duplamente cegos e randomizados) em seres humanos, em animais e em células com ultradiluições acima da 12CH mostram que os medicamentos homeopáticos têm um efeito diferente do placebo.

Destaca-se ainda da investigação clínica até 2014 a existência de seis grandes revisões sistemáticas e metanálises de ensaios clínicos randomizados e controlados, cinco das quais indicam que a homeopatia tem efeito específico e superior ao placebo. Apenas uma publicação no "The Lancet" em 2005 pôs isso em causa. Mas foi bastante contestada quanto à sua metodologia: em 110 ensaios clínicos homeopáticos, seleccionou apenas oito para as conclusões finais. Desses oito, quatro apresentavam resultados positivos a favor da homeopatia e os outros quatro eram ensaios clínicos cuja metodologia feria marcadamente os princípios fundamentais da homeopatia. Assim, até aos dias hoje, só existem estudos que indicam que a homeopatia, quando aplicada segundo os princípios que a definem, é eficaz e eficiente.

Francisco Patrício

... DE QUE NÃO FUNCIONA

A homeopatia é uma prática inventada há cerca de 230 anos pelo médico alemão Samuel Hahnemann, segundo a qual o poder curativo de qualquer substância (desde abelhas esmagadas a cicuta) é tanto maior quanto mais diluída ela for. A magia está alegadamente numas pancadas ("dinamizações") dadas com os frascos numa superfície dura e flexível (originalmente, a sela do cavalo de Hahnemann). Este foi contemporâneo de Lamarck e morreu em 1843, ano em que nasceu Robert Koch, que viria a descobrir que muitas doenças são causadas por microorganismos. Décadas depois seria determinada a constante de Avogadro, que permite saber quantas moléculas há numa certa quantidade de matéria (num preparado homeopático 30C, a probabilidade de encontrar uma só molécula da substância original é equivalente à de ganhar o Euromilhões várias vezes).

A homeopatia surgiu quando a ciência moderna dava os primeiros passos e rapidamente se tornou evidente que os seus princípios não tinham fundamento científico. A ciência baseia-se em experiências e observações que possam ser repetidas e confirmadas de modo independente. A homeopatia é uma pseudociência, procura imitar a aparência da ciência. Para isso

recorre a um conjunto de estratégias típicas que descrevo no meu livro "Pseudociência" (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014), tais como figuras de autoridade, ou seja, dizer que uma coisa é verdade porque há pessoas muito importantes que dizem que é ("médico e cientista prof. dr. Marcus Zulian Teixeira", "Prémio Nobel da Medicina Jean Luc Montagnier", que ganhou o Nobel pela descoberta do vírus HIV nos anos 80, e não por divagações sobre "assinaturas electromagnéticas" quase aos 80 anos de idade). Outra é a linguagem aparentemente científica, usada sem qualquer significado ("efeito rebound", "farmacologia paradoxal"). Lembra-se das pulseiras power balance com um "holograma quântico"? É a mesma coisa. Escolher a dedo os estudos que parecem mais favoráveis, ignorando os restantes, tal como escolher um postal sem olhar para a paisagem, é outra característica da pseudociência. A exigência para a medicina baseada na ciência são as revisões sistemáticas da literatura científica, como as feitas pela organização sem fins lucrativos Cochrane Collaboration. Se acreditam ter provas de que a homeopatia funciona, aceitem introduzir os remédios homeopáticos no mercado sujeitos às mesmas exigências dos medicamentos convencionais. Fica o desafio.

David Marçal





O homeopata insiste que todos os estudos que respeitam os princípios da terapia atestam a sua eficácia. O bioquímico deba o desafio: então para quando uma pílula homeopática?

TALVEZ POSSA TIRAR MEDICINA

Há quatro princípios fundamentais na homeopatia: uso de um medicamento único e individualizado para o total de sintomas do doente; o uso de medicamentos na forma dinamizada ou ultradiluída; e o princípio da similitude, o mais importante, que define que a cura de uma pessoa doente pode ser alcançada administrando-lhe o medicamento que produz sintomas semelhantes em utilizadores saudáveis. Assim, a sua afirmação de que "o poder curativo de qualquer substância é tanto maior quanto mais diluída ela for" não é correcta. A acção verifica-se, acima de tudo, segundo o princípio da similitude. Aquilo a que chama "pancadas" são sucessões e está provado por métodos como a espectrografia que geram alterações. As ultradiluições são diferentes do solvente, existindo agregados supramoleculares de moléculas de água; é possível identificar medicamentos específicos, sinais electromagnéticos ou emissão de fotões. É uma nanomedicina. Não existe nenhum estudo que conteste a eficácia e eficiência do tratamento que contenha ensaios clínicos feitos de acordo com os princípios referidos. Na homeopatia não há doenças, há doentes únicos, o que não impede que seja posta à prova através destes ensaios clínicos controlados e randomizados. Prova disso é a mais recente meta-análise e revisão sistemática de 2014 publicada no "Systematic

Reviews", que mostra que o tratamento individualizado tem um efeito superior ao placebo. Faltam mais ensaios por várias razões: negação da homeopatia e dos médicos que a investigam por preconceito, falta de apoios, falta de médicos com conhecimentos adequados. Claro que há figuras de autoridade que servem de referência científica. Isso também não impede a contestação, desde que os críticos estudem a matéria. Não fica bem menosprezar cientistas como Montagnier só porque são idosos... Não é médico nem engenheiro ou físico, senão compreenderia que, além de moléculas, há subpartículas atómicas e forças que comandam o universo. Numa ressonância magnética fotografam-se fotões emitidos pelos núcleos dos átomos de hidrogénio, ou seja, concentrações protónicas correspondentes a concentrações de água nos tecidos! Vai dizer que é um engodo por isso? E há medicamentos convencionais administrados pelo princípio da similitude, por exemplo, anticoncepcionais na síndrome pré-menstrual. Não me é permitido alongar, se não teria de lhe explicar como a ciência quântica é aplicada na medicina. Talvez possa inscrever-se num curso de Medicina e depois fazer homeopatia. Um grande médico americano, Constantin Hering, foi inicialmente um detractor e, quando a estudou a fundo, tornou-se um dos principais defensores de Hahnemann.

Francisco Patrício

PARA QUANDO UMA PÍLULA HOMEOPÁTICA?

Patrício afirma que a acção da homeopatia se baseia "acima de tudo" no princípio da similitude. Tendo em conta que algumas das substâncias usadas são poderosos venenos (como o arsénico ou a beladona), o princípio de as diluir até não sobrar nada também é importante para que o paciente sobreviva e marque a segunda consulta. A questão para Patrício (ou deveria dizer dr. Patrício?) continua a ser de autoridade. A sua, porque é médico, face à ausência da minha, porque não sou "médico nem engenheiro ou físico". Enquanto for conveniente para Patrício, Montagnier terá autoridade, não obstante ter ganho o Nobel por um trabalho completamente diferente realizado há 30 anos. Os resultados de Montagnier acerca da "assinatura electromagnética das moléculas" não são passíveis de serem reproduzidos por outros grupos de investigação. Goste-se ou não, a reprodutibilidade dos resultados é uma característica da ciência, pois ninguém está imune à fraude e ao erro. Em 1999, a Fundação James Randi ofereceu um milhão de dólares a quem conseguisse demonstrar a existência da "assinatura electromagnética", prémio que nunca foi reclamado. Patrício continua a abusar de linguagem aparentemente científica sem qualquer significado. É verda-

de que há várias técnicas em que contar o número de fotões permite saber a concentração de uma substância, mas isso em nada apoia a causa homeopática. E usa o Santo Graal das pseudociências: a palavra "quântica"! Há instrumentos usados na medicina cujo funcionamento se explica com a física quântica, mas o mesmo se aplica às máquinas de lavar roupa, já que estas têm transístores. Requer um tratamento de excepção para a homeopatia, pois reivindica que os ensaios clínicos sejam feitos "de acordo com os princípios da homeopatia", e não de acordo com as exigências para qualquer outro tratamento. Rejeita os princípios da medicina baseada na ciência, mas paradoxalmente reclama um estatuto científico para os remédios homeopáticos. Se estes conseguissem provar a sua eficácia através de ensaios clínicos metodologicamente robustos, a homeopatia não seria alternativa, seria simplesmente... medicina. Mas não, os remédios homeopáticos são introduzidos no mercado com um regime especial em que a única coisa que têm de provar é que são... inócuos! Nisso estamos de acordo, são só água e açúcar. Patrício fala de anticoncepcionais. Porque não uma pílula anticoncepcional homeopática? A associação portuguesa de famílias numerosas certamente apoia a ideia. Claro que dá mais jeito um remédio para a gripe, que é uma doença que passa sozinha.

David Marçal